

MÁXIMO E PRÓXIMO: UM ESTUDO SOBRE OPACIDADE LEXICAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO SEGUNDO MODELOS BASEADOS NO USO

Maria Mendes CANTONI ¹

RESUMO: Este estudo trata da interação entre léxico e morfologia no português, enfocando vocábulos como “máximo” e “próximo”, entre outros, que, em sua origem, remontam a superlativos latinos sintáticos formados por morfemas improdutivos. São tomados como fundamentação teórica modelos de uso que tratam da armazenagem e do processamento lexical, considerando como crucial o papel da variação, da gradiência e da frequência (BYBEE, 1985; PHILLIPS, 2001). Parte-se de uma definição ampla de léxico, que é a um só tempo considerado (1) como um sistema aberto e dinâmico; (2) como patrimônio cultural de uma sociedade; (3) como produto da armazenagem e do processamento cognitivos de experiências dos falantes. Acredita-se que a morfologia emerge na forma de esquemas abstratos a partir do léxico, que é composto por instâncias reais de uso lingüístico, e ao mesmo tempo o estrutura, fortalecendo conexões entre os exemplares. Com base em evidências fornecidas por pesquisa em banco de dados do português brasileiro atual, propõe-se que a cristalização de formas opacas – formas em que a estrutura morfológica não se apresenta explicitamente – como “máximo”, “próximo”, “mínimo”, “ótimo” no léxico do português se deveria à alta frequência de ocorrência de tais itens lexicais. Ao mesmo tempo, devido à baixa frequência de tipo, os morfemas {-rrimo} e {-limo} tenderiam a ser substituídos pelo morfema {-íssimo} e formas com bases eruditas, como “magérrimo”, “paupérrimo”, “simílimo”, dariam lugar a formas transparentes (“magríssimo”, “pobríssimo”, “similíssimo”).

PALAVRAS-CHAVE: superlativo; opacidade; abordagem de uso; mudança lingüística; morfologia do português.

Introdução

No presente estudo, trata-se da interação entre morfologia e léxico no português, especificamente de fenômenos de opacidade resultantes de mudança lingüística de natureza sonora e morfológica. São enfocados vocábulos como “máximo” e “próximo”, entre outros, que, em sua origem, remontam a superlativos latinos

¹ UFMG, Faculdade de Letras. Endereço: Av. Antônio Carlos, 6627. Pampulha. Faculdade de Letras da UFMG, sala 3104 (a/c Prof^a. Thaís Cristófar). CEP 31270-901. Belo Horizonte, MG, Brasil. E-mail: mmcantoni@gmail.com.

sintéticos, mas que já se tornaram opacos com relação a essa noção. Este artigo encontra-se estruturado da seguinte forma: na primeira seção, apresenta-se uma descrição sucinta da formação dos superlativos no latim e no português. A segunda seção traz um panorama dos modelos de uso. Na terceira seção, são apresentados os resultados de uma busca em banco de dados, quanto à frequência de uso dos itens em estudo. Por fim, na quarta seção, são levantadas algumas conclusões.

A formação superlativa

O grau superlativo dos adjetivos (aplicável também a outras classes de palavras, como os advérbios), consiste em uma construção comparativa que faz “sobressair a qualidade de um ou mais seres de entre a totalidade dos seres da mesma espécie, ou semelhantes quanto aos outros atributos” (ALI, 1964, p. 79). Pode ser de natureza relativa, quando há uma comparação entre dois seres (e.g. *Enéias é o mais feliz dos troianos*), ou absoluta, quando se enfatiza o caráter extraordinário da característica expressa pelo adjetivo, sem que haja outro elemento para comparação (e.g. *Enéias é muitíssimo feliz*).

No latim, o superlativo poderia ser sintético ou analítico. A formação sintética era constituída pelo acréscimo do morfema {-issimus} à última consoante do tema do adjetivo em grau normal, originando um único vocábulo. Ao lado desta construção, havia também o superlativo analítico, formado pela anteposição de advérbio de intensidade (como *maxime*, *minime*, *multum*) ao adjetivo em grau normal, estando em jogo, neste caso, dois vocábulos. Ambas as formações estão esquematizadas no Quadro 1, abaixo.

Quadro 1: esquematização comparativa dos superlativos sintético e analítico

Superlativo sintético: [Tema do adjetivo + {-issimus}]	Superlativo analítico: [Advérbio de intensidade] + [adjetivo em grau normal]
<i>bonissimus</i> (“muito bom, o melhor”) <i>pulcherrimus</i> (“muito/o mais belo”) <i>facillimus</i> (“muito/o mais fácil”) <i>intimus</i> (“muito/o mais profundo”) <i>summus</i> (“muito/o mais elevado”)	<i>maxime idoneus</i> (“muito/o mais idôneo”) <i>minime pius</i> (“muito/o mais pio”) <i>multum arduus</i> (“muito/o mais árduo”)

A formação sintética do superlativo era a mais amplamente utilizada, dando lugar à formação analítica apenas no caso de adjetivos com tema terminado em duas vogais consecutivas, como nos adjetivos em *-eus*, *-ius*, *-uus* (e.g. adj. *idoneus*, superlativo *maxime idoneus*) (FARIA,1995).

Quanto à formação sintética, como se pode perceber no Quadro 1, eram várias as realizações do sufixo formador de superlativo. Relacionados ao morfema latino {-*issimus*}, temos os morfes {-*issimus*}, {-*rimus*}, {-*limus*}, {-*timus*}, {-*imus*} ou simplesmente {-*mus*}, que eram selecionados de acordo com características do tema a que eram unidos:

- {-*rimus*} era utilizado em adjetivos com tema terminado em *-er* (e.g. adj. *pulcher*, superlativo *pulcherrimus*);

- {-*limus*}, pouco produtivo no latim clássico, era utilizado em apenas seis dos adjetivos com tema terminado em *-ilis* (e.g. adj. *facilis*, superlativo *facillimus*, e além dele *difficilis*, *similis*, *dissimilis*, *gracilis*, *humilis*);

- {-*timus*}, pouco produtivo, nem sequer é listado por alguns estudiosos como variante do morfema {-*issimus*}, sendo elemento de formação em número reduzido de

palavras, podendo ser originado a partir de bases não adjetivas, como advérbios e substantivos (*intimus, optimus, maritimus*);

- {-*imus*}, ou simplesmente {-*mus*}, também pouco produtivo, estava presente na formação de superlativos a partir de palavras que não eram adjetivos, como preposições (e.g. adv. *super*, superlativo *summus*);

- {-*issimus*}, de longe o mais produtivo, era utilizado nos demais casos (e.g. adj. *bonus*, superlativo *bonissimus*).

Na formação das línguas românicas, teria havido um abandono da formação sintética do superlativo, que passa a ser substituída pela analítica, independentemente das características sonoras do adjetivo. Esse processo iniciou-se ainda no latim vulgar, fazendo parte de uma tendência mais ampla, característica da própria formação do românico, de uso de formas analíticas para expressão de relações gramaticais (outros exemplos seriam a adoção de preposições em lugar das declinações de caso e de perífrases verbais, para gerar novos tempos e modos verbais ou substituir alguns já existentes). Essa adoção do superlativo analítico pode ser comprovada pelo seu uso generalizado nas línguas românicas (COUTINHO, 1984). Por exemplo, temos em português *muito bonito* (abs.), *o mais bonito* (rel.); em espanhol, *muy bonito* (abs.), *el más bonito* (rel.); em italiano, *molto bello* (abs.), *il più bello* (rel.); em francês, *très beau* (abs.), *le plus beau* (rel.).

Os superlativos utilizando os sufixos -*issim-*, -*illim-* e -*errim-* só voltam a ser documentados na primeira metade do século XV, por influência erudita latinizante (SILVA, 1993). Como aponta Teyssier (2004, p. 84),

formas eruditas e semi-eruditas, calcadas no latim, penetraram na língua desde as suas origens. Este processo de enriquecimento do vocabulário jamais cessou. Tornou-se particularmente intenso no

século XV, com a prosa didática e histórica, e no século XVI, em consequência das tendências gerais do Renascimento humanista.

A partir desse período, a formação sintética do superlativo voltou a ser empregada para originar novas palavras, com larga preferência pelo morfe {-íssimo}, mas que passa a expressar exclusivamente o superlativo absoluto. Tem-se, assim, que esse modelo de formação teria se tornado produtivo novamente no português, depois de um período em desuso, devido a fatores socioculturais, como parte de uma tendência geral da língua, diante do prestígio que era conferido ao latim naquele período, em que se operou um retorno às fontes clássicas como padrão estético e científico.

Outras línguas românicas teriam também recuperado o superlativo sintético, como regra de formação ou como palavras isoladas, mas a formação analítica manteve-se de longe como a mais generalizada e produtiva. Lausberg (1965), com humor, coloca que, em italiano, espanhol e catalão, à semelhança do português, os superlativos emprestados por via culta seriam tão numerosos e teriam se adequado tão bem ao sistema que passaram a dispor de “direito de cidadania”, dando origem a novos superlativos – e.g. português *fortíssimo*; espanhol *fortísimo*, italiano *fortissimo*, catalão *fortíssim*. Ressalta, ademais, que tais superlativos absolutos teriam adquirido um matiz afetivo de elogio, censura, etc.

Nas línguas românicas, algumas formas que remontam aos antigos superlativos sintéticos parecem nunca ter deixado a língua, restos populares dessa construção que teriam se petrificado (LAUSBERG, 1965). No caso do português, formas como “ótimo” e “mínimo” foram cristalizadas, fossilizadas, e assumiram novos significados, já não transmitindo a idéia tradicional de superlativo. Diz-se, por isso, que se tornaram opacas, por não deixarem entrever sua estrutura morfológica, como acontece com as formas ditas transparentes. Esses superlativos opacos são, portanto, marcados no léxico,

fazendo-se necessário ao falante aprender seu significado individualmente, por não ser possível depreendê-lo através dos processos morfológicos de formação correntes na língua. As formas “máximo” e “próximo” pertencem também a esse grupo de superlativos formados por morfes improdutivos.

Modelos baseados no uso

Este estudo busca suporte teórico nos chamados modelos de uso, que serão brevemente apresentados a seguir. Os modelos baseados no uso, ou simplesmente modelos de uso (*usage-based models*), compartilham a idéia de que os sistemas lingüísticos são construídos a partir de eventos de uso, sendo que a relação entre estas duas dimensões, sistema e uso, é relativamente direta (KEMMER; BARLOW, 2000). O termo “*usage-based*” remonta a Langacker (1987), ao referir-se a uma abordagem da linguagem que se contrapõe à perspectiva formalista tradicional, por ser maximalista, não redutiva e *bottom up*. As abordagens de uso assumem que, no armazenamento de informações, um grande volume de dados estaria envolvido – por isso seriam maximalistas, e não minimalistas. Nesse armazenamento, haveria grande redundância de informações – razão pela qual esses modelos são chamados de não redutivos. Desse modo, na mente humana, a especificidade estaria atrelada à generalidade, sendo que a última surge a partir da primeira – daí dizer que modelos de uso envolvem processamento *bottom up*, e não *top down*. Formulações muito próximas a essas têm sido adotadas nas últimas décadas por estudos tanto independentes quanto derivados da Gramática Cognitiva de Langacker, mas todos eles contribuindo para fortalecer as bases gerais da abordagem de uso. Especialmente nas duas últimas décadas, vem-se

acumulando um corpo respeitável de evidências que indicam a primazia do uso em áreas como lingüística, cognição, neurofisiologia e psicologia.

Propõe-se, neste estudo, avaliar o fenômeno de mudança morfológica sofrido pelos superlativos sintéticos à luz dos modelos de uso que tratam da armazenagem e do processamento lexical (BYBEE, 1985, 2001; PHILLIPS, 2001; PIERREHUMBERT, 2001, 2003). Essas abordagens são amplamente comparáveis e complementares à proposta de Langacker, que será outro ponto de referência teórica neste estudo.

Passa-se, então, a descrever os pressupostos fundamentais dos modelos como suporte. Primeiramente, ressalte-se que todos eles compartilham a idéia de que não há uma separação nítida entre léxico e gramática, essas duas esferas sendo agrupamentos de estruturas simbólicas (LANGACKER, 2000). Padrões morfológicos e sintáticos são vistos como esquemas (padrões gerais que variam de níveis mais baixos a níveis mais altos em termos de abstração e complexidade), que emergem de ocorrências reais de uso lingüístico. Com isso, a frequência de tipo (*type frequency*) e a frequência de ocorrência (*token frequency*) desempenham um papel importante nesses modelos, exercendo impacto, respectivamente, sobre a produtividade de padrões e sobre a força lexical. As unidades lingüísticas de armazenagem e processamento, os exemplares, são palavras e até mesmo grupos de palavras (*chunks*) e colocações, cuja estrutura interna se assemelha à de protótipos: são gradientes, centrados em membros nucleares bem-definidos e difusos nas bordas. Eventos de uso são armazenados nos exemplares por meio de processos cognitivos gerais de categorização, resultando em grupos de memórias perceptuais ricas, que são conectadas em redes relacionais baseadas em similaridade fonética e semântica. Tais redes, a partir das quais emergem esquemas gerais (morfológicos, sintáticos, etc.), operam com base em parâmetros probabilísticos, apresentando distribuição estocástica.

Esses princípios têm sido empregados com sucesso na análise de fatos que representam problemas para as análises lingüísticas tradicionais, principalmente os que envolvem efeitos de prototipicidade e de frequência.

Léxico

No presente estudo, são analisados fenômenos lingüísticos de mudança morfológica que implicaram também em alterações de natureza lexical. Retomando as propostas tradicionais de teorização sobre campo léxico (BIDERMAN, 1978, 1981; COSERIU, 1986; GECKELER, 1984), verifica-se que representam um esforço por explicar as relações que perceptivelmente se estabelecem entre as palavras no léxico. Contudo, há muita discordância entre os teóricos quanto aos conceitos (nomes e definições) e à natureza das relações estabelecidas. Nesse sentido, os modelos de Langacker (2000) e Bybee (2001) representam um avanço no tratamento da complexidade das conexões entre exemplares e sua interação com o restante do sistema, adequando sua teoria ao funcionamento dos processos cognitivos envolvidos na linguagem. O léxico já não é visto como um módulo isolado, fornecendo material para regras que operam independentemente dele. Pelo contrário, o léxico passa a ser, a um só tempo, considerado como (1) um sistema aberto e dinâmico, mais suscetível a mudanças que as outras esferas da linguagem humana; (2) patrimônio cultural de uma sociedade; (3) produto da armazenagem e do processamento cognitivos de experiências dos falantes. Da integração dessas três facetas, torna-se possível demonstrar como mudanças léxicas refletem mudanças culturais e perceptuais/cognitivas de uma comunidade de fala.

Sapir nos apresenta uma reflexão muito ponderada acerca da relação entre língua e ambiente, afirmando que “o léxico da língua é que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes”, mas “o ambiente físico só se reflete na língua na medida em que atuaram sobre ele as forças sociais.” (SAPIR, 1961, p. 45). Além disso, haveria uma relação direta entre o nível de complexidade do sistema léxico e o nível de complexidade cultural de uma comunidade lingüística, mas o mesmo não se pode dizer com relação a outras dimensões da língua, como a sintaxe, a fonética e a morfologia, que, como conclui o autor, não guardariam qualquer relação com o ambiente em que a língua é falada.

No entanto, retomando as premissas dos modelos de uso apresentadas na seção anterior, considera-se, aqui, que a separação entre léxico e as demais dimensões do sistema lingüístico não é tão nítida como proposto nos estudos formalistas. De fato, ao se debruçar sobre o fenômeno em análise, percebe-se que há uma estreita dependência entre o armazenamento de exemplares na representação mental do léxico e a produtividade de padrões morfológicos. Essa constatação vai ao encontro das propostas de Langacker (2000) e Bybee (1985, 1995), para quem os padrões morfológicos emergem por meio de generalizações a partir de unidades armazenadas e são diretamente afetados por seu uso efetivo.

Words entered in the lexicon are related to other words via sets of lexical connections between identical and similar phonological and semantic features. These connections among items have the effect of yielding an internal morphological analysis of complex words [...]
Even though words entered in the lexicon are not broken up into their constituent morphemes, their morphological structure emerges from

the connections they make with other words in the lexicon. (BYBEE, 1995, p. 428-29).²

A morfologia emerge a partir do léxico, composto por instâncias reais de uso lingüístico, e ao mesmo tempo o estrutura, fortalecendo conexões entre os exemplares. Com isso, a frequência de tipo e a de ocorrência tornam-se fatores primordiais para a fixação e o fortalecimento dos exemplares e esquemas morfológicos.

Dada a interação entre léxico e morfologia, cabe pensar qual seria a motivação para que a formação superlativa sintética tenha dado lugar à analítica, de forma tão generalizada, nas línguas românicas. Jordan e Manoliu (1972, p. 262-263) apresentam uma boa tentativa de explicar a substituição dos paradigmas superlativos:

La posibilidad de marcar en un grado superior la intensidad de las cualidades confirió al comparativo de superioridad y al superlativo un valor expresivo, que les hizo especialmente aptos como expresión de la afectividad en las hablas familiar y popular. Cuando la frecuencia se trivializó se llegó al desgaste expresivo y, en consecuencia, a la necesidad de buscar otros medios eficaces que pudieran sustituir a una expresividad ya no operante. [...] La expresión perifrástica era más concreta, más regular y evidentemente más expresiva, sobre todo porque, al menos en un principio, sólo se documentaba en un número reducido de adjetivos, aunque gradualmente se fue extendiendo a los demás, al mismo tiempo que se enriquecía con nuevos procedimientos.³

² “Palavras que entram no léxico são relacionadas a outras por meio de grupos de conexões lexicais entre propriedades fonológicas e semânticas idênticas e similares. Essas conexões entre itens levam a que se produza uma análise morfológica interna de palavras complexas. [...] Ainda que palavras que entraram no léxico não sejam decompostas nos morfemas que as constituem, sua estrutura morfológica emerge de conexões que elas estabelecem com outras palavras do léxico.” (tradução minha).

³ “A possibilidade de marcar em um grau superior a intensidade das qualidades conferiu ao comparativo de superioridade e ao superlativo um valor expressivo, que os tornou especialmente aptos para expressão

Frequência

Considerando que a frequência de ocorrência exerce um papel fundamental sobre a força lexical (BYBEE, 1985) dos exemplares e, portanto, é determinante da conservação de itens no léxico, foi realizado um levantamento da frequência dos superlativos sintéticos junto ao Projeto Aspa (Avaliação Sonora do Português Atual, www.projetoaspa.org), que visa oferecer um *corpus* de larga escala representativo para os estudos da sonoridade do PB. Este tipo de ferramenta, com o desenvolvimento de novas tecnologias e métodos, tem se mostrado muito útil, especialmente em pesquisas que envolvem o tratamento probabilístico. O Projeto partiu do *corpus* escrito LAEL (Projeto DIRECT-PUC-SP), optando por utilizar apenas a parte mais significativa dos dados nele presentes – 199.864 de suas palavras (*types*), que totalizam 228.766.402 ocorrências (*tokens*) –, tendo acrescentado aos dados originais informações de natureza sonora, morfológica e etimológica.

Na busca realizada, procurou-se identificar a frequência de uso (ou de ocorrência) de dez itens lexicais selecionados para análise estrutural: *facílimo*, *humílimo*, *magérrimo*, *máximo*, *mínimo*, *ótimo*, *paupérrimo*, *péssimo*, *próximo*, *simílimo*. Os resultados encontram-se dispostos na Tabela 1, a seguir, onde os itens foram dispostos em ordem crescente com relação à frequência.

da afetividade nas falas familiar e popular. Quando a frequência se trivializou, chegou-se ao desgaste expressivo e, em conseqüência, à necessidade de buscar outros meios eficazes que pudessem substituir uma expressividade já não operante. [...] A expressão perifrástica era mais completa, mais regular e evidentemente mais expressiva, sobretudo porque, pelo menos no início, só se documentava em um número reduzido de adjetivos, ainda que gradualmente tenha se estendido aos demais, ao mesmo tempo em que se enriquecia com novos procedimentos.” (tradução minha).

Tabela 1: Frequência de superlativos analíticos em banco de dados do PB atual

Palavra	Ocorrências
máximo	173.688
mínimo	54.509
próximo	30.293
ótimo	15.454
péssimo	5.916
magérrimo	73
paupérrimo	61
facílimo	60
humílimo	7
simílimo	0

Como se pode ver, os dez itens avaliados podem ser agrupados em duas classes:

- alta frequência: *máximo, mínimo, próximo, ótimo, péssimo*;
- baixa frequência: *magérrimo, paupérrimo, facílimo, humílimo, simílimo*.

Os itens selecionados remontam a superlativos sintéticos latinos e utilizam morfemas não produtivos no português brasileiro atual, {-imo}, {-limo}, {-rrimo}, portanto opacos com relação a sua estrutura morfológica. No entanto, guardam, em menor ou maior medida, pelo menos parte da idéia original do superlativo: a ênfase em alguma propriedade presente na palavra. Essa noção deve fazer parte de seu significado individual, diretamente na representação mental de cada exemplar. Diferem entre si, no entanto, com relação à frequência de uso.

Este fator parece estar relacionado à produtividade morfológica desses itens no sistema lingüístico. Enquanto os itens mais frequentes parecem ter sido cristalizados no português ao longo dos tempos, desde sua origem a partir do latim, aliás com sentido mais afastado da noção original superlativa, os últimos se mostram suscetíveis à

substituição por formas regulares, através de analogia com a formação de adjetivos superlativos produtiva atualmente no português, [tema do adjetivo + {-issimo}]. Surgem, assim, formas como “magríssimo”, “pobríssimo”, “humilíssimo”, “humildíssimo”, “similíssimo”. Esse comportamento diferenciado dos dois grupos pode ser explicado com sucesso recorrendo-se às propostas por Bybee (2001) e Phillips (2001) para tratar as mudanças lingüísticas. As autoras divergem da tradição neogramática por acreditarem que as mudanças seriam lexicalmente graduais, em consonância com o que defendem os adeptos da Difusão Lexical. No entanto, divergem destes últimos ao acreditarem que as mudanças seriam também foneticamente graduais.⁴ Assim, pode-se afirmar que, por disporem de representação mental mais forte, as palavras mais frequentes (como “máximo”) seriam menos suscetíveis a mudanças de natureza analógica que as demais (como “magérrimo”).

Os resultados apontam para uma influência do uso sobre a configuração das estruturas mentais, no sentido de consolidar os itens e padrões de maior frequência e enfraquecer os de menor frequência, que serão mais suscetíveis a mudanças.

Conclusões

A tendência de transformação de estruturas sintéticas em analíticas está presente na formação das línguas românicas, de modo geral, e pode ser relacionada com o surgimento de necessidades expressivas da comunidade de fala. O retorno do superlativo como processo produtivo para formação de novos itens lexicais está pautado

⁴ Para maiores detalhes a respeito do embate travado entre os neogramáticos e os difusionistas, cf. Faraco (2005).

por fatores socioculturais, como o prestígio com que o latim passou a contar no Renascimento.

Propõe-se que a cristalização de formas opacas – formas em que a estrutura morfológica não se apresenta explicitamente – como “máximo”, “próximo”, “péssimo”, “mínimo”, “ótimo” no léxico do português se deveria à alta frequência de ocorrência de tais itens lexicais. Ao mesmo tempo, devido à baixa frequência de tipo, os morfemas {-rimo e -limo} tenderiam a ser substituídos pelo morfema {-íssimo} e bases eruditas, como “magérrimo”, “paupérrimo”, “humílimo”, “simílimo”, por bases produtivas da língua, gerando formas transparentes e semi-transparentes (“magríssimo”, “pobríssimo”, “humilíssimo”, “humildíssimo”, “similíssimo”).

Referências bibliográficas

ALI, Said. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

BARLOW, Michael; KEMMER, Suzanne (Ed.). *Usage-based models of language*. Stanford: CSLI, 2000.

BIDERMAN, Maria Tereza. *Teoria lingüística: lingüística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

_____. A estrutura mental do léxico. In: BORBA, Francisco da Silva (Org.). *Estudos de Filologia e Lingüística*. São Paulo: T. A. Queiroz/Edusp, 1981. p. 131-145.

BYBEE, Joan. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. Philadelphia: John Benjamins, 1985.

_____. Regular Morphology and the Lexicon. *Language and Cognitive Processes*, v. 10, n. 5, p. 425-455, 1995.

_____. *Phonology and Language Use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

COSERIU, Eugenio. *Principios de semántica estructural*. 2. ed. Madrid: Gredos, 1986. Versão espanhola Marcos Martínez Hernández.

- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática Histórica*. 7. ed. rev. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1984.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. Ed. rev. e amp. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- FARIA, Ernesto. *Gramática da língua latina*. 2. ed. rev. e aum. Brasília: FAE, 1995.
- GECKELER, Horst. *Semántica estructural y teoría del campo léxico*. Versão espanhola Marcos Martínez Hernández. Madrid: Gredos, 1984.
- IORDAN, Iorgu; MANOLIU, Maria. *Manual de Linguística Românica*. Madrid: Gredos, 1972. v. 1.
- LANGACKER, Ronald. *Foundations of cognitive grammar*. Stanford: Stanford University, 1987. 2 v.
- _____. A Dynamic Usage-Based Model. In: BARLOW, Michael; KEMMER, Suzanne (Ed.). *Usage-based models of language*. Stanford: CSLI, 2000. p. 1-63.
- LAUSBERG, Heinrich. *Linguística Românica*. Morfologia. Tradução J. Pérez Riesco e E. Pascual Rodríguez. Madrid: Gredos, 1965. v. 2.
- PHILLIPS, Betty. Lexical diffusion, lexical frequency, and lexical analysis. In: BYBEE, Joan; HOPPER, Paul (Ed.). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam; Philadelphia, PA: John Benjamins, 2001. p. 123-136.
- PIERREHUMBERT, Janet. Exemplar dynamics: Word frequency, lenition and contrast. In: BYBEE, Joan; HOPPER, Paul (Ed.). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 137-157.
- _____. Probabilistic Phonology: discrimination and robustness. In: BOD, Rens; HAY, Jennifer; JANNEDY, Stefanie (Ed.). *Critical Introduction to Phonology*. Cambridge, MA: MIT, 2003. p. 177-228.
- SAPIR, Edward. *Linguística como ciência: ensaios*. Tradução de J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961.
- SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 1993.
- TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. 2. ed. Tradução Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Agradecimentos

À Prof^ª. Thaís Cristófar, pelos valiosos comentários e sugestões; a Leonardo Almeida, pelas informações do banco de dados do ASPA. Este trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil.